



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

LUSITANOS, LÍGURES E CELTAS.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1890 | Número: 7

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Lusitanos, lígures e celtas. *Revista de Guimarães*, 7 (3) Jul.-Set. 1890, p. 101-119

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

LUSITANOS, LIGURES E CELTAS

(Aos meus amigos Domingos Leite de Castro
e Alberto da Cunha Sampaio)

Por causa dos Ligures, com que os meus amigos já iam sympathisando, acaba de me dar uma formidável descompostura o snr. Francisco Adolpho Coelho, professor de glottica no Curso Superior de Letras.

Não sendo meu proposito entrar na gloriosa campanha das retalições diffamatorias, e estando a parte scientifica da farragem abaixo de toda a critica, salvo n'um ou n'outro ponto, hesitei por algum tempo se deveria ou não responder. Mas estas noites longas e fastientas têm tentações mephistophelicas, e demais d'isso se perdesse esta occasião de fallar dos meus Ligures, difficilmente apanharia outra.

Decidi-me, pois, a analysar a trapalhada. Vi-me porém em embaraços sérios e aqui está porque: Manoel de Mello, o auctor da *Glottica em Portugal*— um livro, que por uma coincidencia apreciavel começou a correr mundo quasi ao mesmo tempo que a *Revista Archeologica*, de Lisboa, borbotava contra mim a interminavel verrina do snr. Coelho— Manoel de Mello, digo, desaggravando a memoria de João Pedro Ribeiro, Ribeiro dos Santos, Constancio, o Cardeal Saraiva, Fr. Innocencio, Alexandre Herculano, etc. etc., aos quaes o meu demolidor passára diploma de ignorantes, de pedantes, de im-

becis — porque é de saber que para o snr. Coelho todo o mundo é ignorante, pelo menos ¹ — applicava-lhe estes versos de Regnard :

C'est un homme étonnant et rare en son espèce
 Qui rêve fort à rien et s'égaré sans cesse;
 Il cherche, il tourne, il brouille, il regarde sans voir;
 Quand on le parle blanc, soudain il répond noir.

com a differença que vai da *distracção* para a *intenção*, accentuava o auctor da *Glottica*.

Só quem lida com a hypercritica lareira do snr. Coelho pôde avaliar o que ha de perfeito n'este retrato e que somma de paciencia é necessaria, para esgrimir com dialecticos d'esta especie.

Não sei se consegui vencer este trabalho d'Hercules burlesco. Os meus amigos o dirão, lendo este escripto, em desconto d'aquelles seus peccados, que tambem lhes valeram uma fustigadella do sempre amavel professor.

I

Começa o snr. Coelho a sua catilinaria, afirmando que « cheguei muito tarde aos estudos historicos e a proposito das explorações da Citania que se tornaram (para mim) o que os psychologos chamam — um orgão d'apercepção de tudo o mais ».

Á vontade. Uns apontamentos biographicos, publicados no primeiro numero da *Revista de Guimarães* — unico documento que o snr. Coelho podia consultar sobre o caso — dizem exacta-

¹ A lista dos escriptores contemporaneos, que o snr. Coelho tem descomposto, sempre em nome da sciencia ultrajada pela ignorancia indigena, não é menor que a dos benemeritos da geração passada. Mas o caso mais symptomatico é este: Por occasião do Congresso Anthropologico de Lisboa, onde não faltavam anthropologistas e historiadores notaveis, o snr. Coelho apresentou á illustre assembléa uma memoria, a proposito d'um caso de microcephalia, o que já tem chiste, e dando como assente que os historiadores e anthropologistas eram tão ignorantes, que ainda confundiam os Cambrios com os Cimbros, desatava a fazer uma estirada preleção sobre a materia. É d'esta força o snr. Coelho! Um dos congressistas ainda lhe disse o mais delicadamente que pôde n'um periodico francez que a materia da preleção era um pouco velha.

mente o contrario; mas não serei eu que o ponha em talas, pedindo-lhe provas da sua affirmativa: o meu intuito não é martyrisal-o, muito pelo contrario.

*

Segue a furiosa saraivada: — que não faço idéa clara dos methodos de critica applicaveis aos textos classicos — nem dos principios mais elementares da sciencia da linguagem — nem das bases das sciencias ethnicas.

Paremos aqui e examinemos as coisas de traz para diante, como o pede a melhor ordem.

Que não faço idéa clara das bases das sciencias ethnicas.

O snr. Coelho não dá as razões do seu dito, mas temos muito tempo para as esquadrihar. Não faço idéa clara das bases das sciencias ethnicas, porque não li os livros que cito nos meus escriptos? Será porque esses livros não explicam claramente os mysterios eleusinos das taes bases das sciencias ethnicas? Será enfim porque as bases das sciencias ethnicas são um monopolio do snr. Coelho?

Por mais extraordinario que isso pareça, é n'esta terceira hypothese que está o gato. Para desengano basta lêr uma dissertação, que o snr. Coelho publicou no segundo numero da *Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes*, orgão dos trabalhos da Sociedade Carlos Ribeiro. Ahi nos mostra o conspicuo professor como em coisas ethnologicas pouco mais se tem feito do que tontear até hoje. Abel Hovelacque, Fr. Müller, Littré, por exemplo, tinham sobre a materia idéas muito confusas. Topinard, esse ainda passe; tem-te aqui, escorrega acolá, vai fazendo seus progressos; e, se tivesse ouvido uma preleção que o snr. Coelho deu, ha annos, n'uma associação lisbonense, não estaria longe de conhecer este segredo da abelha.

O erro que até hoje tem entenebrecido todos os espiritos consiste em baralhar a ethnica com a anthropologia. Com taes confusões na cabeça, um investigador, que comece a fazer ethnogenices com o deus Taranis, é um exemplo, será capaz de desatar a fazer anthropologices inconscientemente, discutindo se o deus teve um craneo brachy ou dolichocephalo, ou se foi alguma vez trepanado.

Em summa, o snr. Coelho mergulhou até o fundo do poço, onde dormitava a verdade ethnologica e anthropologica, e trou-

*

xe de lá uma descoberta, que pelos modos até o habilita a de-
vassar os arcanos da antiguidade, sem precisão de abrir livros
velhos. É certamente por isso que elle escreve que em coisas
d'ethnologia antiga « as noticias ethnographicas e ethnologicas
dos antigos não têm para nós (para elle) senão um valor se-
cundario ». O snr. Coelho pôde atirar ás ortigas com estas
insignificancias; fica-lhe sempre um *quid* primario, o amuleto
que trouxe do fundo do poço acima mencionado.

Talvez se pergunte como é que este *dilettante* em sciencias
anthropologicas e ethnicas logrou desencantar nas suas horas
d'ocio esta maravilha que escapou aos Brocas e aos Müllers.
O snr. Coelho previne qualquer objecção n'uma nota do seu
escripto: o caso é saber lêr nas entrelinhas. « A *logik* de
Wundt, escreve elle, como outros trabalhos d'este eminente
philosopho, mostram até que ponto uma intelligencia superior
pôde dominar os processos do methodo de cada uma das di-
versas sciencias e criticar-lhe os resultados ». Homens d'estes
são rarissimos, tinha elle escripto no texto.

Ora aqui está como o snr. Coelho, sem queimar muito as
pestanas com os estudos anthropologicos e ethnologicos, pôde
fazer descobertas, por cima das quaes os anthropologistas e
ethnologos de profissão passaram e repassaram sem as vis-
lumbrar.

Em cada uma das diversas sciencias o mesmo.

Para concluir. O snr. Coelho não quiz dizer, acho eu, que
só vi pela lombada os livros que citei, nem que desconhecesse
as bases das sciencias ethnicas, ensinadas n'aquellas cartilhas;
quer dizer que as idéas que d'alli podia colher são fossis e
têm de ser refundidas nos moldes que elle inventou.

*

*Que não faça idéa clara dos principios mais elementares
da sciencia da linguagem.* Não sendo a sciencia da linguagem
coisa indispensavel aos estudos, a que me tenho entregado, e
principalmente tendo eu declarado por mais d'uma vez que
sou pouco ou nada competente n'esta materia, deixaria passar
sem reparo esta segunda denúncia, se o snr. Coelho a não
apimentasse com a seguinte pilheria: que declarando-me « pou-
co competente em materia glottologica, fazia etymologias cel-
ticas ».

Vamos vêr como elle prova este artigo do libello. Dois são os casos em que revelo o meu ridiculo pedantismo. O primeiro versa sobre a palavra *cot*, com que pretendi etymologiar o nome de Citania. Esta etymologia era minha, diz o snr. Coelho, «comquanto corresse mundo com outras marcas de fabrica». Quer dizer, eu fiz uma etymologia, mas o snr. Coelho não a encontra em parte alguma com a marca da minha fabrica e até leu n'ella uma marca muito differente.

Mais divertido que esta accusação só o que vai lêr-se: «Mostrou-se, continúa o illustre professor de glottica, que a palavra era de origem finnica (*sic*) e tinha chegado ao kymrico pelo anglo-saxão»¹. Quem mostrou que a palavra era de origem finnica (*sic*) e tinha chegado ao kymrico pelo anglo-saxão, foi, escusa dizer-se, o snr. Coelho, e mostrou-o na sua *Revista d'Ethnologia e de Glottologia*, a pag. 40; mas aqui está a passagem: «Parece rasoavel a opinião de Caldwell, segundo a qual este termo importante para a historia da civilisação seria d'origem primitiva (*sic*) dravidica (*sic*), tendo passado das linguas dravidicas para o sanscrito e linguas uralo-altaicas, d'estas para as germanicas e d'estas ultimas para as celticas».

Temos pois que a palavra *cot* é de origem finnica e de origem dravidica²; e, como se vê, a fabrica etymologica do snr. Coelho faz lembrar a dos sapateiros: fornece obra aos pares.

Segundo caso: nos cacos da Citania apparecia muitas vezes a palavra *Arg*, ora isolada, ora associada ao nome de *Camal*, podendo lêr-se distinctamente em algumas marcas *Airg Canali*, no genitivo. Parecendo-me importantes os seguintes factos, chamei para elles a attenção dos competentes, confessando-me inhabilitado para os explicar: 1.º se *Arg* não seria o *arg* = príncipe irlandez, um titulo honorifico, e não um nome pessoal, vistas as razões que apresentava e que é inutil reproduzir agora; 2.º se em *Airg* não haveria um caso de flexão interna.

¹ Adolphe Pictet, na 1.ª e na 2.ª edição das suas *Origines indo européennes*, suppõe precisamente o contrario: «L'ang-sax. *cota*, scand. *kot*, est peut-être celtique»; mas talvez Pictet não tivesse idéa clara dos principios mais elementares da sciencia da linguaagem.

² Quando o snr. Coelho me explicar a causa d'esta extravagancia, explicar-lhe-hei eu a que me nota com relação á passagem de Strabão (III, iii, 6 e 7).

Os competentes, para que eu appellava; eram os da nossa terra, na persuação de que os estrangeiros se não occupavam com as nossas coisas. Contra a minha expectativa, enquanto que os nossos competentes dormiam a sésta, a *Revue Celtique* acudia ao convite, declarando que o caso de flexão interna não tinha geito. *Roma locuta, causa finita*, e não pensei mais em tal. Eis que ao fim de 10 annos, apparece o snr. Coelho a repetir com a *Revue Celtique* que o caso de flexão interna não tem geito, fazendo d'aquelle periodico instrumento das suas intrigasitas.

Os que não crêem em bruxas expliquem, como poderem, a coincidencia seguinte: Quasi ao mesmo tempo que o snr. Coelho se servia da *Revue Celtique* como instrumento das suas intrigasitas, um dos redactores da notavel revista escrevia que não tinha grande geito a celticidade, que o snr. Coelho farejava em alguns nomes de deuses lusitanos, e muito menos a cambada de suffixos, que elle arranjou para o deus Cusuneneoeco ¹.

É pois a *Revue Celtique* que me vinga, auctorisando-me a affirmar, se eu estivesse para isso, que o snr. Coelho nem conhece os nomes celticos pela pinta.

Em conclusão: eu sou tão pedante que, declarando-me incompetente em materia glottologica, me metto a fazer etymologias celticas. Estas etymologias reduzem-se a duas: uma, pelo visto, foi feita por procuração e por procuração sem assignatura; outra consistiu em chamar a attenção dos competentes para uns problemas, que me pareceram curiosos ².

Havemos de confessar que já é vontade de cuspir para o ar.

*

Que eu não faço idéa clara dos methodos da critica applicaveis aos textos classicos. Esta é mais séria; porque de aqui se conclue que o meu senso critico regula pelo de Fr. Bernardo de Brito. Felizmente n'este particular o snr. Coelho,

¹ *Revue Celtique*, vol. x, pag. 504-5.

² O problema principal, se *Arg* era um titulo honorifico, e não um nome pessoal, ficou sem solução e continúa a figurar-se-me muito importante. Advertirei que a palavra *Arg* não é uma invenção d'O'Reilly, como poderá pensar quem levanamente lêr a passagem da *Revue Celtique*, denunciada pelo snr. Coelho. Eu já conheci a má reputação d'aquelle martyr e verifiquei em Zeuss, que citava no meu opusculo, a genuinidade do *arg=princeps*. Por isso digo que o problema subsiste.

ao passo que faz a autopsia do meu bernardismo, mostra-nos com o proprio exemplo o que vale a sagacidade critica, afiada no ideal dos seus methodos.

Vamos lá a vêr isso.

São cinco os casos graúdos, sobre os quaes recahem os commentarios fulmineos do conspicuo professor.

Trata-se d'um ligeiro esboço, tendente a mostrar a differença de costumes, usos, qualidades moraes, que distinguem os Celtas dos Lusitanos.

1.º Escrevi eu e copia o snr. Coelho: « O Celta, diz o snr. Sarmiento, tem a paixão infrene do militarismo egoista que lhe não aproveita para fundar uma nacionalidade, um imperio seu proprio. . . ¹ Desde certa época, desde Diniz o Antigo, pelo menos, é rara a guerra de importancia no mundo conhecido dos antigos, em que não entrem celtas mercenarios.

« Em logar de vender os seus serviços aos estrangeiros e de correr aventuras por terras estranhas, como os Celtas e os Celtiberos, os Lusitanos faziam as suas incursões sobre povos mais ou menos visinhos e voltavam aos seus lares para planear outras novas ».

Commenta agora o snr. Coelho: « Este argumento serve tanto contra o celtismo como contra o ligurismo dos Lusitanos, pois os ligures tambem figuravam como mercenarios em exercitos estranhos, por exemplo no de Amilcar, etc. ».

Ora o leitor bem vê das citações transcriptas que eu não fallo nò ligurismo dos Lusitanos, e o melhor é que em todo o estudo, de que fazem parte aquelles textos, *Os Celtas na Lusitania*, mal alludo a similhante coisa, porque o meu fim exclusivo era demonstrar que os Lusitanos não são da familia celtica. N'este intuito, notei por um lado o genio militaresco e aventureiro dos Celtas, e pela sua costella celtica o dos celtiberos, e a esta causa attribui a facilidade com que vendiam a sua espada ²; notei por outro que tanto o primeiro facto,

¹ Reparem nas reticencias do snr. Coelho e vejam a nota seguinte.

² Isto estava expresso com soffrivel clareza n'estas palavras, que o snr. Coelho substituiu pelas reticencias, a que se refere a nota antecedente: — « facto nunca bastantemente repetido, mas que o obrigava (a paixão infrene do militarismo) a offerer a espada a todo aquelle que lh'a paga ». Porque supprimiu o snr. Coelho estas duas linhas? Para economisar tinta? Não pôde ser. N'esse caso não copiaria as quatro linhas seguintes, que diziam menos que a phrase « a todo aquelle que lh'a paga ». Esta phrase deixava perceber que a questão do soldo era secundaria. Entenderam?

que era o essencial, como o segundo, que era o accessorio, ninguém os descortinava entre os Lusitanos.

O illustre professor, dando por demonstradas as minhas affirmativas, pois que as não destroe, vem-nos dizer que ellas não provam o ligurismo dos Lusitanos, de que se não tratava nem devia tratar.

É um dos casos:

Quand on le parle blanc, sondain il répond noir.

Com a differença que vai da *distracção* para a *intenção*, commentava Manoel de Mello.

2.º Tinha eu dito que entre a armadura dos Celtas e dos Lusitanos havia completa disparidade. Os Celtas usavam d'armas de ferro, os Lusitanos d'armas de bronze; o escudo dos Lusitanos era redondo e pequeno, o dos Celtas alto e quadrilongo.

Refutação: «... basta, para provar que esse argumento nada vale na ethnogenia dos Lusitanos, fazer d'um lado a observação de que os Celtas na Celtiberia (como o proprio snr. Sarmiento repete) abandonaram tambem a sua espada primitiva e que portanto poderiam ter feito o mesmo na Lusitania ».

Importa saber que a espada iberica, pela qual os Celtas em questão abandonaram a sua, era de ferro, e d'uma afamada tempera. Portanto de duas uma: ou o sabio professor sabe esta corriqueirice e para elle tanto monta trocar por uma espada de ferro de boa tempera uma espada de ferro destemperada, que tal era a primitiva dos Celtas, como passar das armas de ferro para as de bronze — o que está a pedir palmatoria; ou o ignora, e n'este caso a palmatoria merecia-a eu, se gastasse mais tempo com um censor tão exquisito.

Quanto ao escudo, o snr. Coelho faz dizer a Diodoro Sieculo que o escudo celtico era « oval » ¹; mas, se o escudo dos Lusitanos tinha a fórma circular, como tinha, a menos que entre elles só fosse conhecido o circulo bicudo, que tantas

¹ Naturalmente o snr. Coelho deu n'um traductor latino — scuto enim *oblongo*, — e d'oblongo fez oval. Paginas antes, Diodoro tem escripto que o tal escudo celtico era d'altura d'um homem. Pelo seu diametro maior calculem que abantesma seria um escudo oval da altura d'um homem, e ainda para mais d'um Celta.

noites faz perder aos Euclides ociosos, os dous escudos não se assimilhavam nada.

Estará o snr. Coelho a caçoar com os seus leitores?

3.º Tinha eu dito ser quasi certo « que os Celtas não construíam *oppida*. Era tambem a opinião de Contze, A. Bertrand e outros, em opposição à de Belloguet, que eu discutia n'uma extensa nota. Refutação: « A opinião de que os Celtas não construíam *oppida* é erronea »; e manda vêr Belloguet na passagem que eu discutia.

A refutação é tão concludente, que nem me atrevo a replicar, e só farei duas observações: Contze, Bertrand e os outros desgraçados, cuja opinião segui, ficam incursos no anathema, com que o snr. Coelho me fulminou — não fazem ideia clara dos methodos applicaveis aos textos historicos; Belloguet, o grande Belloguet, esse sim, é um evangelho para o snr. Coelho. Feliz sabio!

4.º Copiemos: « Os Celtas, diz o snr. Sarmento, aproximam-se dos Persas expondo os seus mortos às bestas-feras e às aves de rapina », e reporta-se a Belloguet. « Temos aqui mais um exemplo do modo como o auctor vimaranense generalisa a favor das suas theses o que nos escriptores antigos se refere por vezes só a um dado ramo de Celtas ».

Lá vai o grande e o feliz Belloguet pela agua abaixo; porque é de saber que todas as bernardices, com que o snr. Coelho está a fazer carga ao « auctor vimaranense », são sustentadas pelo auctor da *Ethnogenie gauloise*, que desce agora á plana dos beocios que não fazem idéa clara dos methodos applicaveis etc.

E o mais curioso é que o « auctor vimaranense » não pôde ser accusado por taes bernardices, como affirma este fazedor e desfazedor de reputações; porque se escreveu as palavras que o snr. Coelho lhe attribue, accrescentou:

« São indubitavelmente os usos dos Celtas e não dos Iberos que auctorisam S. Italico a affirmar que entre os Celtiberos era um sacrilegio a cremação dos cadaveres, e corrente a crença de que voavam para o céu as almas d'aquelles, cujos corpos houvessem sido devorados pelos abutres. *Por prudencia aceitaremos sómente a primeira noticia*, que concorda com as observações feitas pelo snr. A. Bertrand na zona galatica (lêde celtica), onde do mesmo modo a cremação dos cadaveres não estava em uso, mas sim o enterramento »¹.

¹ *Revista Scientifica*, pag. 188-9.

Claro é pois que « não generalisei a favor da minha these o que nos escriptores antigos se refere por vezes só a um dado ramo de Celtas », mas sustentei apenas que um dado ramo de Celtas, os Celtiberos, enterravam os seus mortos, e os Lusitanos os queimavam. E a graça toda está em que tal é também a opinião do snr. Coelho.

Claro é também que ha aqui uma empalmação de textos, feita com muito pouca limpeza, empalmação que terei de moralisar, quando reunir um môlho de bellezas da mesma especie. Por agora temos um assumpto, que escurece todos os outros, visto ser chegada a occasião de apreciar as maravilhas dos methodos de critica applicaveis aos textos classicos, de que o snr. Coelho faz uso.

Que os Celtiberos não queimavam os seus mortos e os Lusitanos sim, n'isso não põe elle duvida; mas fundado principalmente n'estes dois factos — que « a cremação era commum a todos os antigos povos indo-europeus (menos aos Persas) » — que o rito de cremação « corresponde a um estado já bastante adiantado de concepções religiosas », o snr. Coelho resolve que, se alguma coisa ha a concluir, é que « na Lusitania a cremação dos cadaveres era d'origem celtica ».

Ora os textos classicos não deixam duvida nenhuma de que na Celtiberia havia Celtas para dar e vender; ácerca de Celtas na Lusitania nem uma palavra. Teriamos pois que na Celtiberia, onde os textos classicos nos juram que havia Celtas, estes originaes atiraram fóra o seu rito nacional de cremação, para adoptar, segundo crê o sagaz professor, o rito iberico dos povos preexistentes; na Lusitania, onde elles não conhecem Celtas, fariam estes uma tal propaganda das suas costumeiras funerarias, que até os proprios indigenas não quizeram outra moda.

Mas é precisamente o methodo do heroe do Regnard :

Quand on le parle blanc, soudain il répond noir.

Onde os textos classicos escrevem — branco, o snr. Coelho lê — preto.

Temos, porém, mais e melhor. Quando foi do Congresso Anthropologico de Lisboa, travou-se acalorada discussão entre os sabios nacionaes e estrangeiros ácerca dos ossos humanos, encontrados na Gruta da Furninha. Cada qual puxou para seu lado, sem duvida por lhe faltar o acume intellectual, que só « os methodos da critica applicaveis etc. » podem dar.

Inutil dizer que o snr. Coelho, logo que entrou a estudar a questão, poz tudo em pratos limpos. Aqui está, modestia á parte, a solução de todos aquelles enigmas: « Os antiquissimos habitantes da Gruta da Furninha — diz elle — e do Cabo do Mondego, faziam ao que parece, como os Persas; expunham os cadaveres aos animaes antes de os inhumarem e combinavam talvez ainda este rito funerario com o d'uma incineração incompleta. Esta hypothese combinada, que sou eu, creio, o primeiro a enunciar, explica todos os factos que se observam com respeito aos vestigios humanos nas referidas estações pre-historicas ».

Viram! Os vestigios humanos d'esta hypothese combinada inferem-se principalmente da chamuscadella dos ossos, a qual prova, visto os principios atraz estabelecidos, que os habitantes da Furninha tinham aprendido dos Celtas o rito da cremação, deixando a operação incompleta pelas exigencias da hypothese combinada, que só admittia meia dóse de fogueira; os vestigios não humanos inferem-se das incisões e fracturas dos mesmos ossos; são obra dos abutres e da rataria, durante a exposição dos cadaveres ao ar livre; indicam a outra meia dóse do rito não-celtico.

Se eu fosse parente do homem de Goes, que não imaginava poder fallar-se d'outra coisa senão da sua demanda, diria que o bom Deus creou a Gruta da Furninha expressamente para castigo dos professores, que, tendo um senso critico um pouco parecido ao de Pedro Malas-Artes, estranham que os outros não leiam pela sua cartilha.

O comico, passada certa linha, até faz tristeza.

5.º Copiemos: « antes de passar adiante, não deixarei de mencionar o que o illustre archeologo diz da religião dos que elle entende por Celtas ». Organização religiosa não se lhes conhece. O snr. Bertrand, depois d'affirmar que elles não fundaram nada de duravel, accrescenta: « O seu nome não ficou ligado a nenhum grupo de monumentos, a nenhuma costumeira, a nenhuma divindade topica, ou de tribu, de que possamos com certeza adjudicar-lhes a honra ».

Commenta o snr. Coelho: « Admittindo em opposição com os factos e contrariamente á opinião da maioria dos escriptores sobre o assumpto, que os celtas da Gallia e ainda os celtas orientaes, invasores da Grecia e da Asia menor, não tinham religião, ou não distavam muito d'isso, como é que o snr. Sarmiento não vê voltar-se tambem o seu argumento contra a sua these do germanismo dos celtas? O Olympto dos ger-

manos não era por certo menos povoado que o dos Lusitanos; como estes, aquelles sacrificavam animaes (até victimas humanas) ás suas divindades; como os gallegos e lusitanos eram peritos nos auspícios e agouros ». E manda vêr a *Deutsche Mythologie* de Grimm.

Ora é tão exacto que eu sustentasse o atheismo dos Celtas, que n'uma nota ao artigo, que o snr. professor está esmiuçando, escrevi: «Se a noticia se limitasse a alguns gallegos (a noticia de Strabão sobre o atheismo dos gallegos), lembraria se os Celtas do Nerio, que no sentido geographico eram gallegos, ganhariam esta reputação entre os seus visinhos, attenta a estranheza das *suas praticas religiosas* »¹.

É tão exacto que me ponha contra a minha these do germanismo dos Celtas o que ácerca da sua religião tenho dito, que nos *Argonautas*, pag. 286, escrevi: «Da sua religião (da religião dos Celtas) nada ficou tambem; se ficasse, é muito de presumir que essas reliquias fornecessem algum capitulo mais á *Mythologia germanica*, colleccionada por J. Grimm.

Aqui temos pois uma nova empalmação de dous textos, graças á qual o snr. Coelho me faz dizer exactamente o contrario do que eu affirmei.

Prometti atraz moralisar estes bonitos processos de critica. Reconsidero. O leitor, em vista de tantos casos de flagrante delicto, talvez os moralise com mais severidade, do que eu estava disposto a fazer.

Por mim contentar-me-hei com trautear os versos de Regnard:

C'est un homme étonnant et rare en son espèce
 Qui rêve fort à rien et s'égare sans cesse :
 Il cherche, il tourne, il brouille, il regarde sans voir ;
 Quand on le parle blanc, sondain il répond noir.

Com a differença que vai da *distracção* para a *intenção*, é claro.

Certo é que os cinco casos, que o snr. Coelho vinha tão afoutamente pulverisar, ficaram completamente intactos:

Os Celtiberos pelo seu genio turbulento e aventureiro, herança de sangue celtico que lhes corria nas veias, distinguiam-

¹ *Revista Scientifica*, pag. 188, nota 4.

se dos outros povos ibericos, nomeadamente dos Lusitanos, sendo esta paixão militaresca que os levava a vender a sua espada, outro facto estranho aos Lusitanos;

A armadura dos Lusitanos differençava-se inteiramente da dos Celtas;

É «quasi certo» que os Celtas não construíram *oppida* pela mesma razão, que os não construíam os germanos, emquanto que na Lusitania os *oppida* deviam ser às centenas;

Os Lusitanos queimavam os seus mortos, os Celtas e Celtiberos não;

A organização dos Celtas é-nos desconhecida, a ponto de não poder apontar-se como certo um nome só dos seus deuses; o Pantheon dos Lusitanos era extremamente povoado, como nos mostram as inscripções da época romana.

Batendo estas affirmativas com umas nugações sem arte e com a falsificação dos meus textos, o snr. Coelho por fim de contas... é o critico da Gruta da Furninha: está dito tudo.

*

Nas tres miudezas seguintes revela-se sempre o mesmo dedo de gigante.

«É curiosissimo (notem a sobranceria com que falla o illustre critico da Furninha) e eminentemente adequado para demonstrar a falta de methodo do snr. Sarmiento que, sendo da maxima importancia para a sua these ethnogenica o estudo dos ligures authenticos, isto é, dos ligures da Liguria historica, elle apenas faz a elles referencia, passa quasi completamente por alto as noticias dos antigos que lhes respeitam, etc.».

Ora a minha these ethnogenica, como sabem os que se têm dado ao trabalho de me lêr, consiste em mostrar que os povos do extremo occidente, e entre elles os Lusitanos, pertencem a uma migração ariana, fallando uma lingua ariana e desenvolvendo a celebre civilisação de bronze, seculos antes do apparecimento dos Celtas na scena historica. Combater o celtismo dos Lusitanos, geralmente admittido, é a minha *delenda Carthago*, tenho eu dito.

É de vêr que o estudo dos Ligures do Mediterraneo nada tem de commum com a minha these.

É sempre a nota comica. A juizo do snr. Coelho, eu deveria estudar a fundo os Ligures do Mediterraneo pela unica razão

de serem elles «Ligures authenticos», mas na pagina antecedente tinha elle escripto: «A Liguria foi séde de estabelecimentos de povos muito diversos, gregos, phenicios, italiotes; a pressão celtica sobre as populações liguricas era muito antiga e deu logar a numerosas infiltrações, que tornavam difficil a distincção de celtas e ligures».

Não está má authenticidade! E era d'este cahos que eu havia de tirar a melhor luz para a pre-celtidade dos povos occidentaes!

Outra de igual theor: «Para prova que na Lusitania (sempre no sentido de Strabão) houve ligures, o snr. Sarmento arranja uma interpretação de Festo Avieno, *Ora Maritima*, em que aceita dos interpretes anteriores, principalmente de Müllenhoff, só o que convem ao seu fito, etc.».

A todos os povos occidentaes da época de bronze dei eu o nome de Ligures, fundado na geographia de Hesiodo, como declarei por mais d'uma vez. Não tinha pois necessidade d'arranjar um ethnico de Ligures na Lusitania.

Il cherche, il tourne, il brouille. . .

Ainda outra: «Vê-se pois (ao fim d'umas razões, que não ha deslealdade em omittir) que é falha absolutamente de base a opinião do snr. Sarmento, segundo a qual os dialectos neo-celticos seriam os reflexos da lingua dos ligures» (do Mediterraneo).

A minha opinião não é que as linguas neo-celticas são os reflexos da lingua dos Ligures do Mediterraneo; mas que são a lingua dos povos ligures estabelecidos nas Ilhas Britannicas, conservada, como as suas tradições, através dos tempos. Tanta vez tenho repisado esta idéa, que só á innocencia do snr. Coelho é permittido desconhecê-la.

Ha de notar-se que em todas as referencias a Ligures, o snr. Coelho môe e remôe uma questão de palavras com um appetite invejavel. Porque eu dei aos velhos arias do extremo occidente a denominação de Ligures, adoptando, como já disse, a geographia de Hesiodo, e porque á beira do Mediterraneo ha um povo com o nome de Ligures, entende o snr. Coelho que estou obrigado a vêr n'uns e n'outros dois irmãos Siamezes, sem poder affirmar dos primeiros a menor bagatella, que não seja logo applicada aos segundos. É por isso que elle achou «curiosissimo» que eu desdenhasse o estudo dos Ligures authen-

ticos, isto é, dos Ligures calabreados com Gregos, Phenicios, Italiotes e Celtas, quando me propuz a tratar exclusivamente da origem não celtica dos Ligures occidentaes; que não pozesse por minha conta e risco os Lusitanos a soldo, visto que os Ligures do Mediterraneo assim o fizeram algumas vezes, etc.

No emtanto tenho-me explicado bem claramente, cuido eu. Na minha opinião, os Ligures do Mediterraneo, como os povos italiotes, são da mesmissima familia que os Ligures occidentaes, mas separaram-se d'elles em tempos muito antigos e nunca mais se communicaram até á época da dominação romana. O tempo, as novas condições de vida, o contacto com povos diferentes, fazem sempre das suas, nos costumes, nas instituições, na lingua, em tudo, e para tomar um exemplo, o da lingua, eu entendi e entendo, que á data da conquista da Inglaterra pelos Romanos, as linguas liguricas ahi falladas deviam estar tão distanciadas da dos Ligures do Mediterraneo, como de qualquer lingua italiota.

... il regarde sans voir.

*

Resta ainda « a minha these » principal, que deixei para o fim, obedecendo ás regras da rhetorica velha.

Depois de dizer que puz os Celtas fóra da Citania com a mesma facilidade com que os admittí lá, continúa o snr. Coelho: « Respondia então ás criticas dos celtistas, dizendo-lhes que elles chamavam sem razão celtas a povos que o não eram e que as chamadas linguas celticas não provinham de modo algum dos celtas da historia ¹. Os homens de maior saber e de maior genio nos dominios da antiguidade que o tempo produziu teriam pois vivido todos n'uma extraordinaria illusão que o snr. Sarmiento, depois de ter compartilhado d'ella, conseguira desfazer n'um anno ou menos d'estudo em Guimarães ».

Á vista d'esta satyra flagellante, julgarão os que lêem que,

¹ Leia-se: dos Celtas, que só depois do sec. VII, a. C., appareceram na Europa. Para alguns escriptores os « Celtas da historia » são ainda o que eu chamo Ligures.

se as minhas idéas vingassem, Guimarães poderia juntar ás suas tres maravilhas classicas a de ter creado um portento que, em coisas de celtismo, poz a um canto « os homens de maior saber e de maior genio nos dominios da antiguidade que o nosso tempo produziu ». Pois estão redondamente enganados; o illustre professor accrescenta logo: « A verdade é que o illustre archeologo teve muito pouco trabalho para o alcançar. A these que vinha defender era velha, velhissima até », e continúa dizendo que a minha these é composta com as opiniões de Moke, Holtzmann, Belloguet, Jubainville e Müllenhoff.

Deixando do lado Moke e Holtzmann, que para o snr. Coelho são sabios de meia tigela, ou menos, ficam Belloguet, Jubainville e Müllenhoff, tres sabios « de primeira ordem », cujos retratos têm de figurar na galeria « dos homens de maior saber e de maior genio nos dominios da antiguidade »; e, se eu lhes copiei as opiniões, como copiei, ahí ficam estes meus respeitaveis fiadores, e não eu, com o ridiculo, flagellado pelo snr. Coelho, morador na rua das Quelhas, pois que evidentemente são elles que tentam mostrar como os seus confrades viveram « n'uma extraordinaria illusão ».

A que proposito veio pois o homem de Guimarães?

. . . il s'egare sans cesse.

E o melhor da passagem é que ahí temos o snr. Coelho a substituir-me na pataratice de mostrar que aquelles homens viveram « n'uma extraordinaria illusão ».

Vejamos como elle está muito acima d'estes pygmeus. Primeiro Jubainville. Para este escriptor os Celtas da historia só apparecem na scena europeia no sec. VII, a. C., quando muito; antes d'elles o occidente foi colonisado por gente ligurica, absolutamente differente da celtica, e que tinha ahí desenvolvido uma muito notavel civilisação.

Era a doutrina de Belloguet, com a differença que, contra a opinião d'este auctor, Jubainville sustentava que os Ligures eram arianos e fallavam uma lingua ariana. Imagine-se se os celtistas da escola velha festejariam muito a invenção. Se antes da lingua celtica existia no occidente da Europa uma lingua ariana, fallada por numerosas tribus, mais civilisadas que os Celtas do sec. VII, a. C., lá se ia a beatifica tranquillidade dos velhos tempos, quando todo e qualquer nome de physionomia árica só pelo celtico podia ser explicado, visto não

haver outro concorrente. Era de esperar que, animados pela franca declaração de Jubainville, os liguristas não deixassem de deitar os braços de fóra, reclamando para os seus clientes a paternidade do velho onomastico ariano, que fosse encontrado nas partes da Europa occidental, onde os Celtas não puzeram o pé.

Aqui está porque os celtistas patriarchaes dão ao démo a lembrança de Jubainville. O snr. Coelho, que teve de esbarrar-se com o distincto sabio, trata-o d'esta maneira: « D'aquelles nomes geographicos (contidos n'uma sentença sobre coisas da Liguria... authentica) apenas tres offerecem ao snr. Arbois de Jubainville materia para comparações indo-europeias incertas! É sobre esta base e a interpretação hypothetica dos nomes de Ligures e Ambrones que assenta a these do indo-europeismo d'esse povo ».

É, pouco mais ou menos, chamar-lhe imbecil. Com effeito, assentar a these do indo-europeismo dos Ligures nos fundamentos denunciados pelo snr. Coelho, seria n'uma questão d'esta ordem pouco menos de imbecilidade. Escusado, porém, será accrescentar que o illustre professor calumnía Jubainville com a sua coragem e heroismo habituaes; e, se o leitor percorrer todas as paginas que na sua obra, *Les premiers habitants de l'Europe*, o insigne ethnologo consagra aos povos liguricos, e fôr colligindo todos os argumentos d'ordem historica e linguistica ¹, que elle accumula no seu livro, ha de ficar certamente espantado com o heroismo e a coragem do nosso compatriota.

Atraz de Jubainville vem Müllenhoff. D'este sabio copiei eu « a conclusão de que na época, a que pertence o periplo phenicio, que se suppõe ter sido a base principal do poema de Avieno, os celtas não estavam na peninsula iberica ». É exacto; e, como o periplo já nos menciona nomes como o de Ana, que os celtistas têm por celticos, conclui que só por milagre poderiam apparecer nomes celticos na Hispanha, antes do apparecimento dos proprios Celtas.

É evidente que esta conclusão, tirada de principios postos

¹ Factos d'ordem linguistica eram ainda mais numerosos na 1.ª edição do seu livro, unica que eu podia conhecer, diga-se de passagem. Nos n.ºs 1 e 2, vol. xi, pag. 152 e seguintes da *Revue Celtique*, dá Jubainville uma longa lista de nomes com suffixo, que affirma ser ligurico.

por um sabio como Müllenhoff, tambem havia de arder aos celtistas, e, para a destruir, não se vê outro remedio senão arremetter contra o illustre allemão.

Tambem elle é imbecil? Tanto não; mas a sua « conclusão é de extrema debilidade, como já foi visto » e sobretudo porque a chronologia, em que ella se apoia, « espera (o snr. Coelho) demonstrar que é insustentavel ».

E eis aqui como a « minha these velha, velhissima até » perdeu as suas duas melhores escóras; um sopro e lá foi Jubainville; outro sopro e lá foi Müllenhoff.

*

Segundo a declaração do snr. Coelho, havia ainda uns « argumentos novos », que juntei á these velhissima e que parecia deverem ser expostos e discutidos n'este logar. Alguns encontram-se no meu estudo sobre a *Ora Maritima*, de Avieno. A apreciação que o snr. Coelho faz d'esta obrinha reduz-se a isto: tudo velho e copiado, mas copiado para peor. Por exemplo, copio, sem a discutir, uma conclusão mal fundada de Müllenhoff, e rejeito outra do mesmo sabio pela razão idiota de « ser mais bem fundada que a primeira ».

E porque é mal fundada a primeira conclusão e bem fundada a segunda? Mas... porque o snr. Coelho põe o seu visto na segunda, e não o põe na primeira.

A primeira é disparatada, porque o snr. Coelho « espera demonstrar, etc. »; a segunda fica dogmatica, porque assenta na celticidade dos nomes de Albiones e Hierni, e o snr. Coelho, que tem n'estas materias a competencia, que só a *Revue Celtique* se atreve a contestar, confirma solemnemente aquella opinião.

Mas decididamente o conspicuo professor de glottica anda com engarinho. Aqui temos um celtista, elogiado como um dos primeiros pela terrivel *Revue Celtique*, e, que sendo especialista, como é, deve ter voto mais pesado no assumpto que Müllenhoff, J. Rhys, o qual considera os nomes d'Albiones e Hierni como pre-celticos ¹.

¹ J. Rhys, *Early Britain, Celtic Britain*, pag. 202-3.

*

E nada mais ha digno de revista nas 15 paginas, em que o snr. Ccelho me descompõe. Não me cega a paixão, creio eu, affirmando que toda esta farragem está abaixo da critica.

Como obra de diffamação não será má; mas as revistas scientificas não foram feitas propriamente para este genero de escriptos. Eu lamento, em attenção ao Curso Superior de Lettras, não poder tratar com seriedade um dos seus membros; mas quem ha de tomar a sério o OEdippo da Furninha, resolvendo todas as questões com o « ipse dixit » da sua propria pessoa, sem ao menos perceber o burlesco do seu papel?

F. MARTINS SARMENTO.

*